

A DOCÊNCIA NA PANDEMIA: TECNOLOGIA, ISOLAMENTO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO

LA DOCENCIA EN LA PANDEMIA: TECNOLOGÍA, AISLAMIENTO Y SUFRIMIENTO PSÍQUICO

TEACHING IN THE PANDEMIC: TECHNOLOGY, ISOLATION AND PSYCHIC SUFFERING



Nicole Silva dos SANTOS¹
e-mail: ns8315249@gmail.com



Mariana Barbosa MIQUILINI²
e-mail: marianamiquilini.psi@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SANTOS, N. S.; MIQUILINI, M. B. A docência na pandemia: Tecnologia, isolamento e o sofrimento psíquico. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 2, e023024, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.2.18649>



| Submetido em: 22/07/2023
| Revisões requeridas em: 10/08/2023
| Aprovado em: 18/09/2023
| Publicado em: 31/10/2023

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), Barra Mansa – RJ – Brasil. Graduada em Psicologia.

² Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), Barra Mansa – RJ – Brasil. Graduada em Psicologia.

RESUMO: Este artigo apresenta as condições da saúde mental de professores de escolas públicas de três municípios da região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, durante o exercício laboral na pandemia da COVID-19. Não pretende trazer uma caracterização diagnóstica, mas qualifica o estado psicológico das docentes de “sofrimento psíquico”. Através de grupos focais on-line, realizados pela plataforma *Google Meet*, concluiu-se que a falta de suporte e políticas públicas voltadas a educação dificultou o trabalho dos professores, gerando assim certo grau de sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Professores. COVID-19.

RESUMEN: Este artículo presenta las condiciones de salud mental de los profesores de escuelas públicas de tres municipios de la región sur del estado de Río de Janeiro, durante su trabajo durante la pandemia de COVID-19. No pretende traer una caracterización diagnóstica, pero califica el estado psicológico de los docentes como “sufrimiento psíquico”. A través de grupos focales en línea, realizados por la plataforma *Google Meet*, concluimos que la falta de apoyo y de políticas públicas dirigidas a la educación dificultó el trabajo de los docentes, generando así cierto grado de sufrimiento.

PALABRAS CLAVE: Salud mental. Profesores. COVID-19.

ABSTRACT: This article presents the mental health conditions of teachers in public schools from three municipalities in the South Fluminense region of Rio de Janeiro during their work in the COVID-19 pandemic. It does not aim to provide a diagnostic characterization but instead qualifies the psychological state of the teachers as "psychological distress." Through online focus groups conducted via the *Google Meet* platform, it was concluded that the lack of support and public policies dedicated to education made the work of teachers challenging, resulting in a certain degree of distress.

KEYWORDS: Mental health. Teachers. COVID-19.

Introdução

Devido à pandemia da COVID-19 e a impossibilidade de aulas presenciais, o Ministério da educação decretou através da portaria n.º 343, de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020) que as aulas passariam a ser realizadas de maneira remota. Tratou-se de medida para assegurar a continuidade do ano letivo e impedir a proliferação do vírus nas escolas. Alunos, famílias e equipe escolar tiveram que se adaptar ao ambiente “on-line”. Se tratando das atividades desenvolvidas pelos professores, muitas mudanças, adaptações, concessões tiveram que ser feitas, trazendo excesso de trabalho e horas incansáveis de dedicação para atender à nova regulamentação.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Península (2020), com 7.734 mil professores de todo Brasil, mostrou que após seis semanas de quarentena, 83% desses profissionais não se sentiam preparados para lidar com o ambiente virtual e 55% desses trabalhadores não receberam qualquer tipo de capacitação ou suporte durante no período de isolamento social para lidar com esse ambiente virtual. A pesquisa ainda aponta que 75% dos profissionais afirmaram não receber nenhum tipo de apoio ou suporte emocional das escolas para lidar com o momento que estavam vivenciando.

Antes mesmo da COVID-19, uma pesquisa realizada pela Nova escola no ano de 2019 (OLIVEIRA, 2019), com 5 mil professores em todo Brasil, demonstrou que 60% dos docentes sofriam de ansiedade, estresse e dores de cabeça e 66% já sentiram fraqueza, incapacidade ou medo de ir trabalhar. Para 87% dos entrevistados, esses problemas estão relacionados ao trabalho. Dessa forma, nota-se que mesmo antes da pandemia os profissionais da educação já demonstravam altos índices de problemas de saúde mental relacionados com o seu ambiente de trabalho.

Foi realizado uma pesquisa para compreender as experiências de professores com o ensino remoto durante a pandemia. O objetivo foi identificar como as secretarias municipais se organizaram para atender às novas regulamentações de ensino, dadas as condições da pandemia. Em seguida, buscou-se ouvir os docentes nessa experiência. Além dos aspectos relacionados à prática com a tecnologia, adaptações metodológicas e de conteúdo, o cenário identificado saltou aos olhos: os professores estavam sofrendo psicologicamente com as condições impostas pela pandemia. Não poderia passar em branco nuvens deste achado. A docência, no Brasil, é algo adoecedor. Carlotto (2011), em sua pesquisa sobre a prevalência da Síndrome de Burnout em professores, destaca que: 1) a classe docente é uma das mais pesquisadas quando o tema é sofrimento psíquico; 2) trata-se de uma profissão que é alvo de inúmeros estressores e altamente

tecnocrática; e 3) a Organização Internacional do Trabalho considera a profissão do docente como uma das mais estressoras.

Para Alles (2021), a incorporação das tecnologias necessárias ao ensino remoto, somadas à escassez de convivência e sobrecarga de trabalho, levaram ao desenvolvimento dos quadros de Síndrome de Burnout em professores durante a pandemia. Ressalta-se que a Síndrome de Burnout é reconhecida como doença ocupacional pelo Decreto-Lei n.º 6.042/2007 (BRASIL, 2007).

Este artigo não qualifica o sofrimento psicológico de professores como “Síndrome de Burnout”, mas se debruça para desvelar as condições psicológicas dos docentes, que corroboram os sintomas da síndrome: ansiedade, esgotamento, insônia, sentimentos negativos, de incompetência, entre outros. O sofrimento psíquico, além de ser causado pelas próprias condições do exercício da profissão, foi acentuado pelas exigências trazidas pelo ensino remoto: dificuldade na lida com os recursos tecnológicos; sobrecarga de trabalho; falta de suporte para a adaptação da metodologia de ensino; redução do contato e comunicação com pais e alunos; escassez de equipamentos tecnológicos necessários ao desenvolvimento das atividades.

Este trabalho apresenta as condições psicológicas dos professores que atuaram no ensino remoto durante a pandemia em escolas de três municípios da região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, caracterizando essas condições como "sofrimento psíquico". Vale ressaltar que não se trata de um diagnóstico abrangente, nem esse é o objetivo da pesquisa, mas sim de destacar as circunstâncias relacionadas à pandemia que levaram os professores ao sofrimento.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com objetivos descritivos. A abordagem qualitativa se concentra na investigação de fenômenos subjetivos, enquanto o objetivo descritivo busca caracterizar o fenômeno ou população em estudo (MORESI, 2003).

A coleta de dados foi realizada por meio da organização de grupos focais, uma técnica amplamente empregada em pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais. Essa técnica, de origem anglo-saxônica, envolve entrevistas em grupo conduzidas em um ambiente propício à discussão, promovendo interação e comunicação entre os participantes. É amplamente utilizada em estudos de ciências sociais e saúde coletiva devido ao seu baixo custo e à capacidade de obter dados válidos e confiáveis em um curto período de tempo, especialmente quando o foco

é a realização de avaliações (TRAD, 2009). Dessa forma, dadas as circunstâncias do isolamento social, a aplicação do método na modalidade on-line se mostrou favorável.

Como se trata de entrevistas semiestruturadas, utilizou-se perguntas disparadoras que envolviam três aspectos: 1) a comunicação entre a Secretaria Municipal de Educação e os alunos, incluindo secretaria, os professores, alunos e pais; 2) trabalho docente: condição de acesso aos recursos tecnológicos, estratégias das aulas, processo ensino-aprendizagem e de avaliação; 3) o uso dos recursos tecnológicos (site, plataformas, conectividade). Recorrentemente, as respostas abordaram o cansaço e a sobrecarga emocional.

Os grupos foram realizados de maneira remota através do *Google Meet*, coordenados por duas pesquisadoras e por alunas que integravam o grupo de pesquisa “Observatório da Violência”. As reuniões com os professores ocorreram separadamente das famílias para garantir a livre expressão. Todas as sessões foram gravadas com a permissão dos participantes e posteriormente transcritas para análise dos resultados.

Resultados e discussões

O sofrimento psíquico pode ser definido de diferentes formas, por se tratar de um fenômeno inerente ao ser humano, que se modifica com o passar dos tempos, exprimindo a transformação dos laços sociais e da organização social. Uma busca rápida pelo termo “sofrimento psíquico” no *Google*, foram obtidos os resultados a seguir:

Considera-se aqui o sofrimento psíquico intensificado como aquele relacionado à intensa angústia, que pode ser manifestada na forma de uma ruptura do equilíbrio psicossocial anteriormente estabelecido, geralmente, de difícil manejo pela própria pessoa em sofrimento (GOMES; CARVALHO; SILVA, 2021, p. 4).

De acordo com Dunker (2015, p. 23) o sofrimento psíquico é construído historicamente, podendo ser:

neuroses de caráter dos anos 1940 às personalidades narcísicas do pós-guerra, dos quadros borderline da década de 1980 às depressões, aos pânico e às anorexias dos anos 2000, há uma variação das modalidades preferenciais de sofrimento.

Considerando esses aspectos, pode-se compreender que há uma determinação social para o sofrimento. Na introdução do livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021), os autores mencionam sobre essa

metamorfose do sofrimento e destacam sua relação com as mudanças sociais, econômicas e políticas. Pontuam que:

É possível dizer que cada época prescreve a maneira como devemos exprimir ou esconder, narrar ou silenciar, reconhecer ou criticar modalidades específicas de sofrimento. Isso explica a emergência e o declínio sazonal de determinados quadros clínicos em detrimento de outros (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021, p. 12).

No entanto, os grandes manuais classificatórios reduzem o sofrimento psicológico a uma categoria nosológica, ou seja, diagnosticam uma condição própria da existência humana. Dessa forma, o sofrimento deixa de ser apenas um fenômeno da vivência humana para se tornar um sintoma presente em diversas patologias. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) foi publicado pela primeira vez em 1952, pela Associação Psiquiátrica Americana e está em sua quinta edição. No DSM-V, o sofrimento psicológico é determinado como “uma variedade de sintomas e experiências da vida interna de uma pessoa que são comumente perturbadores, confusos e fora do comum” (APA, 2014, p. 830).

Contudo, é problemático equiparar o sofrimento psíquico a uma patologia, visto que ele se apresenta a partir das relações sociais do sujeito com seu meio, que vai se modificando conforme é nomeado. Ao contrário, o que caracteriza a doença é a estabilidade de seu curso, independentemente das relações sociais, ou seja, ela apresenta início, meio e fim. Dunker (2015, p. 24) afirma que:

As doenças mentais não são nem doenças, no sentido de um processo mórbido natural, que se infiltra no cérebro dos indivíduos, seguindo um curso inexorável e previsível, nem mentais, no sentido de uma deformação da personalidade. As doenças mentais, ou melhor, seus sintomas, realizam possibilidades universais do sujeito, que se tornam coercitivamente particulares ou privativamente necessárias. Em outras palavras, um sintoma é um fragmento de liberdade perdida, imposto a si ou aos outros.

Ao compreender a dimensão social e subjetiva do sofrimento psíquico é impossível não o relacionar à instância social do trabalho. O sujeito está inserido num sistema capitalista, que lhe exige cada vez mais produção e eficiência. Pensando em sofrimento psíquico e trabalho, através da ótica psicanalítica, Silveira, Feitosa e Palácio (2014, p. 3) comentam:

Compreendemos, a partir da clínica psicanalítica, que todas as experiências do sujeito vão ser significadas a partir do lugar que esse sujeito ocupa em relação à linguagem. Assim, o sofrimento psíquico do trabalhador não pode ser pensado apenas como fator inerente aos estímulos externos (organização do trabalho, infraestrutura, ritmo de produção), mas precisa ser abordado a partir de como essa relação com o trabalho se insere na economia psíquica de

cada um. O sofrimento depende da significação que assume no tempo e no espaço, bem como no corpo que ele toca, produzindo algo que está além do princípio do prazer.

Conforme mencionado anteriormente, a pandemia da COVID-19 demandou a suspensão das aulas como medida para conter a propagação do vírus, levando as instituições educacionais a adotarem o ensino remoto como alternativa. Os professores precisaram se adequar a essa nova ferramenta de trabalho e atuar de suas casas, o que acabou acarretando algumas implicações em saúde mental. Os docentes passaram a conciliar a vida familiar com a profissional e precisaram investir na capacitação de maneira autônoma, já que não havia suporte das instituições de ensino. Foi necessário transformar a metodologia do ensino presencial, construir material adequado, estabelecer formas de interação com os alunos, dentre outras coisas que demandaram demasiadamente de cada profissional, acarretando em sofrimento psíquico.

As professoras ouvidas nos grupos focais se referiam à sensação de cansaço e sobrecarga de trabalho, queixas centrais abordadas pelas profissionais ao longo das reuniões. Uma professora verbaliza:

Professora respondente 1:

Eu tô tentando atirar para tudo quanto é lado para ver se consigo, porque tá difícil pra ver o que é que eu faço, e é o que eu o falando, eu não sei nomear como que tá a minha carga de trabalho hoje, porque trabalho muito. Demanda muito tempo. Ai você se sente aquela pessoa que nadou, nadou, nadou e morreu na praia. Porque você não conseguiu alcançar o objetivo. [...] O meu sentimento é assim, de estar fazendo e não ter o retorno que eu esperava tanto.

As docentes também afirmam que houve uma má distribuição na carga horária, que leva a uma dificuldade para administrar suas tarefas, causando uma sobrecarga. Uma delas desabafa:

Professora respondente 2:

Querendo ou não, é um trabalho muito maior, porque eu tenho que digitar, tenho que procurar outros textos, tenho que procurar imagens, tenho que colocar a fonte da imagem, tenho que elaborar oito questões. [...] Eu tô em abril, meados de abril hoje, eu já estou morta de cansada.

Além disso, muitas professoras também são mães e isso gera um sofrimento, pois elas cumprem função dupla. Algumas relataram como se sentiram ansiosas ao ter que prestar assistência para os pais e, ao mesmo tempo, acompanhar a rotina de seus filhos. Cobravam-se em demasia, pois entendiam que precisavam desenvolver um material que os pais conseguissem entender e auxiliar as crianças. Uma professora e mãe verbaliza:

Professora respondente 3:

E eu fiquei assim, mesmo sendo professora, pensando como é que seria isso para os alunos e como seria isso dentro da minha casa com meus filhos? E não foi fácil. Não foi fácil mesmo essa adaptação de sentar-se, e de toda hora o telefone apita porque tem uma mensagem do grupo da escola avisando. Não foi fácil. Você acompanhar todo esse processo, quando você olha as mensagens já subiram e já tem um monte. E aí o pai pergunta várias coisas e outro pai pergunta coisas também. [...] Tem hora que eu falo... “O que eles estão dizendo?” Eu não consigo acompanhar todas as mensagens [...]

Eu fiquei me colocando do lado dos pais, eu fiquei nervosa, eu fiquei ansiosa, tinha dias que eu pensava como iria fazer com meus dois filhos aqui.

Outro fator que se colocou como gerador de sofrimento para as docentes entrevistadas foram as dificuldades decorrentes da tecnologia. Mesmo havendo uma preparação, essas intercorrências fugiam de seu controle. Uma professora relata:

Professora respondente 4:

Na hora que começou a reunião deu tudo errado, o vídeo travou, nada passou, eu fiquei muito nervosa. Era meu primeiro contato mesmo. Me deu vontade de chorar. Eu parei aquilo ali e pedi desculpa, fui honesta. Eu me preparei, fiz tudo para programar direitinho. E falei que do mesmo jeito que era novo para eles, estava sendo para nós professoras.

A falta de participação dos pais e alunos nas atividades propostas, somado ao seu grande esforço para desenvolvê-las, aparece também como um agravante no que se refere ao emocional dessas professoras, como podemos observar no seguinte relato:

Professora respondente 5:

No início eu me sentia muito frustrada com a intenção de estar ali passando às vezes um final de semana inteiro montando aquelas atividades e na segunda, na terça-feira ter a expectativa de alguém que ia buscar e ninguém buscava as atividades. [...] conversei com a diretora no fim de semana e fiquei muito perdida, muito triste mesmo com a situação porque eu falava pra ela que praticamente era um trabalho elaborado com tanta dificuldade às vezes, mas que não estava sendo cumprido.

A preocupação sobre o decorrer do ano letivo dos alunos acabou se tornando um ponto central do debate e a questão da adaptação dos professores a uma nova modalidade de trabalho ficou em segundo plano, o que causou algumas implicações na saúde mental dos professores.

Também é evidente que um fator de grande relevância para o sofrimento psíquico experimentado por esses profissionais durante o período de isolamento se relaciona à impossibilidade de desempenhar eficazmente suas funções de trabalho. Mesmo diante de uma situação de pandemia, que provocou considerável estresse e ansiedade devido à incerteza do enfrentamento da doença e ao aumento constante do número de infectados e óbitos, o trabalho

e a produtividade mantiveram-se no centro da vida das professoras. Alguns relatos destacam que o sofrimento não se deve apenas à sobrecarga de trabalho, uma vez que muitas já enfrentavam essa carga anteriormente, mas sim à falta de resultados alcançados com seus esforços, devido à baixa participação das crianças e pais. Além disso, as professoras, que também são mães, tiveram de cumprir uma dupla função, acompanhando seus próprios filhos em sua jornada educacional.

Essa centralidade do trabalho pode ser vista como um reflexo do sistema o qual estamos inseridos, onde o ideal neoliberal exige cada vez mais produção. Safatle, Dunker e Junior (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021, p. 11) explicam:

A forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o menor risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço e uma métrica.

Nesse contexto, a pesquisa identificou que a pandemia evidencia o sofrimento associado ao exercício do magistério no Brasil, ressaltando a carência de apoio e suporte técnico, metodológico e psicológico para os professores da rede pública de ensino. Portanto, trata-se de um tema de relevância que demanda a atenção dos pesquisadores, enfatizando a urgência na promoção do fortalecimento das políticas educacionais e no cuidado destinado aos professores e demais profissionais que atuam na rede de ensino pública.

Considerações finais

A pesquisa realizada demonstrou que a notória ausência de suporte e políticas públicas direcionadas à educação, sobretudo no âmbito da educação básica, representou um significativo obstáculo para o trabalho dos professores durante a pandemia. Além da sobrecarga de trabalho, houve também as dificuldades no âmbito tecnológico, que se configurou como um grande obstáculo, uma vez que as atividades a distância como a única opção viável durante o isolamento. O cenário presente exigia, além do preparo na realização dessa transição, a disponibilidade de ferramentas tecnológicas, como computadores, plataformas de ensino, produção de videoaulas, serviços de “internet”, etc. A falta desses recursos, tanto o manejo da tecnologia, assim como a falta de equipamentos adequados foi uma realidade de professores, famílias e alunos da rede pública.

Durante as entrevistas, as docentes se queixaram da falta de participação dos alunos, ocasionada pela dificuldade no acesso às plataformas e participação nos fóruns e *chats* disponibilizados na plataforma. Tal situação gerou um certo grau de sofrimento, pois ainda que elas se empenhassem para atender as demandas do processo de aprendizagem, isso ainda não era o suficiente. Os docentes tentaram tamponar a falta de suporte procurando encontrar maneiras alternativas de atender a esses alunos, mas eram incapazes de atender à demanda de todos. No entanto, a falta de contato com os alunos, a dificuldade de interação com pais e alunos, os deixou num vazio, impossível de transpor ou preencher.

Se considerarmos que uma das principais causas do sofrimento psíquico dos docentes resulta da impossibilidade de desempenhar eficazmente seu trabalho, estamos abordando não apenas a necessidade de melhorias nas condições de trabalho dos professores, mas também de garantir condições de acesso mais adequadas para esses alunos. A insuficiência de políticas voltadas ao campo da educação e a falta de investimentos na área são anteriores à maior crise sanitária do século.

A pandemia evidenciou esses problemas já existentes, bem como os agravou com a necessidade do isolamento, que fez com que muitos alunos abandonassem a escola. É necessário o fortalecimento dessas políticas de suporte aos professores e demais trabalhadores da rede pública de ensino, sobretudo no que se refere à melhores condições de trabalho, apoio emocional, disponibilização de equipamentos adequados ao trabalho e um olhar atento também às condições de acesso desses alunos.

REFERÊNCIAS

ALLES, M. S. A dialógica e o valor social do trabalho: a síndrome de Burnout e o labor do professor durante a pandemia. **Direito e dialogicidade**, Cariri, v. 7, p. 22-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/view/2661>. Acesso em: 23 maio 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Decreto-Lei 6.042 de 12 de fevereiro de 2007**. Altera o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto no 3.048, de 6 de maio de 1999, disciplina a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção - FAP e do Nexo Técnico Epidemiológico, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6042.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%206.042%2C%20DE%2012%20DE%20FEVEREIRO%20DE%202007.&text=Altera%20o%20Regulamento%20da%

20Previd%C3%Aancia,Epidemiol%C3%B3gico%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20pr
ovid%C3%Aancias. Acesso em: 23 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 343 de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=PRT&numero=343&ano=2020&ato=6f5UTVE5EMZpWT599>. Acesso em: 23 maio 2023.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 27, p. 403-410, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/B6dwZJD6LLTM5QBYJYfM6gB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2022.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

GOMES, A. G. A; CARVALHO, C. J; SILVA, D. O. da. **Cartilha de Acolhimento ao Sofrimento Psíquico**. Bananeiras, PB: UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.cchsa.ufpb.br/cchsa/contents/destaques/Destaque5/cartilha-acolhimento-ao-sofrimento-psiquico-ufpb.pdf/view>. Acesso em: 23 maio 2023.

INSTITUTO PENÍNSULA, **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/em-quarentena-83-dos-professores-ainda-se-sentem-despreparados-para-ensino-virtual-2/#:~:text=e%20do%20esporte.-,Em%20quarentena%3A%2083%25%20dos%20professores%20ainda%20se,sentem%20despreparados%20para%20ensino%20virtual&text=Mesmo%20ap%C3%B3s%20seis%20semanas%20de,em%20diferentes%20pontos%20do%20Brasil>. Acesso em: 23 maio 2023.

MORESI, E (org.). **Metodologia da pesquisa**. Documento do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OLIVEIRA, T. Como promover a saúde mental do docente. **Portal Nova Escola**, abr. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17037/como-promover-a-saude-mental-do-docente>. Acesso em: 23 maio 2023.

SAFATLE, V; SILVA JÚNIOR, N. da; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2021.

SILVEIRA, L. C; FEITOSA, R. M. M; PALÁCIO, P. D. B. **A Escuta do Sofrimento Psíquico Relacionado ao Trabalho**: contribuições da psicanálise para o cuidado em saúde. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000100003#:~:text=No%20estudo%2C%20conclui%2Dse%20que,marcam%20a%20estrutura%C3%A7%C3%A3o%20desse%20sujeito. Acesso em: 30 dez. 2022.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas da saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaríamos de agradecer aos professores e familiares de alunos das redes municipais de ensino que se dispuseram, prontamente, a participar de nosso estudo.

Financiamento: Não houve financiamento para esta pesquisa.

Conflitos de interesse: Não há conflito de interesse.

Aprovação ética: A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Barra Mansa e aprovado sob o parecer número 4426858. Durante todo o processo de pesquisa, os parâmetros éticos foram respeitados.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso, através de solicitação pelo e-mail das autoras.

Contribuições dos autores: **Mariana Barbosa Miquilini** – Construiu a metodologia, descreveu os resultados e considerações finais; **Nicole Silva dos Santos** – Participou da coleta de dados, construiu a introdução, descreveu os resultados e considerações finais.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

